

Movimento do verbo finito e advérbios (bem) baixos em português brasileiro

Uma aproximação à ordem ‘ideal’ de línguas de núcleo inicial?

Aquiles Tescari Neto

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Abstract Adverbial Phrases (AdvPs) tend to appear to the right of the VP in head initial languages. This is only a trend, as head initial languages generally depart from this ideal standard to some extent. This paper discusses the position of the finite (V)erb in Brazilian Portuguese, by taking the lowest AdvPs of Cinque’s Hierarchy as diagnostics for V raising. The three lowest AdvPs, namely *do nada* ‘out of nowhere’, *de novo* ‘again’ and *com frequência* ‘often’ are preferentially pied-piped by the lexical V in the whose-picture mode of pied-piping. Thus, they are linearised to the right of the V. That would make Brazilian Portuguese closer to the ideal derivations for head initial languages at least if one takes these three AdvPs.

Keywords Verb movement. Low adverbs. Head initial languages. Cinque hierarchy. Brazilian Portuguese.

Resumo 1 Introdução. – 2 A hierarquia universal de advérbios: diagnóstico à subida de V à flexão? – 3 Advérbios bem baixos e movimento de V à flexão. – 4 Eclipse de VP, subida do V e advérbios (bem) baixos. – 5 Considerações finais.

1 Introdução

Os sintagmas adverbiais (AdvPs) têm sido bastante utilizados pelos sintaticistas como diagnósticos para movimentos de constituintes, sobretudo como diagnósticos para a subida do verbo (V) temático, pelo menos desde o traba-

lho seminal de Pollock (1989) sobre a explosão da projeção de IP (o sintagma da flexão). Os AdvPs que Pollock considerou como «adjuntos de VP» (os advérbios «baixos» como, por exemplo, os advérbios de modo *bem*, *cuidadosamente*, etc.) têm, desde então, sido considerados diagnósticos bem precisos para a subida do verbo à flexão, uma vez que ocupam uma posição adjacente àquela onde o V é ‘gerado’ (i.e., sua posição de ‘Merge’), podendo, assim, indicar se V teria ou não deixado o domínio temático e se movido à flexão (cf., dentre tantos outros, Pollock 1989; Belletti 1990; Galves 1993, 1994; Figueiredo Silva 1996; Costa 1996, 1998; Cinque 1999, 2004; Modesto 2000; Brito 1999, 2001; Silva 2001; Laenzlinger 2011, 2012; Laenzlinger & Soare 2005; Silva 2009; Cyrino 2013). Entende-se, então, por que, em sintaxe gerativa, deu-se uma importância capital aos constituintes adverbais.

Pollock (1989) teve grande importância no conjunto de trabalhos dos finais dos anos 80 sobre a natureza da flexão, seus constituintes e a variação encontrada, nesse domínio, entre as línguas. Seguidamente a Pollock, outros trabalhos se voltaram à identificação de outras categorias (para além de *Agreement* e *Tense*, identificadas em Pollock como sendo as categorias da flexão). Assim, Belletti (1990), por exemplo, para explicar as diferentes posições de pouso de diferentes formas verbais do italiano, recorre a uma projeção de Aspecto, abaixo de Tempo, reordenando, inclusive, à luz do *Mirror Principle* (Baker 1985), as projeções de T e Agr. Cinque (1999), com base na posição de núcleos funcionais de diferentes classes – tendo em vista dados de um conjunto bastante considerável de línguas das mais diferentes famílias –, identifica cerca de 30 categorias de modo, tempo e aspecto das mais variadas classes semânticas, reconhecendo, então, que a flexão, já cindida por Pollock e Belletti, deveria, na verdade, ser explodida ainda mais. O tratamento dado por Cinque, que está na base do Programa Cartográfico, abriu caminho para um resgate das discussões sobre os universais linguísticos de Greenberg, desta vez em perspectiva paramétrica (ver, a esse propósito, Cinque 1996, 2005, 2013a, 2010).

Cinque (1999) não só se empreendeu em ordenar as categorias de Tempo, Aspecto e Modo (TAM) relacionadas à morfologia verbal, geralmente tratadas como núcleo (X⁰) em termos de teoria X-barra tradicional (Kayne 1994) e associadas ao V temático (quais: auxiliares, morfemas livres de línguas como o haitiano, o guianês, morfemas presos aglutinantes ou flexionais, etc.), reunindo, então – com uma metodologia ‘cartográfica’ –, dados do sistema flexional de línguas de diversas famílias, como também propôs uma ordenação das classes de advérbios correspondentes às dos núcleos funcionais, o que, nos termos de teoria X-barra, receberia uma explicação interessante: para cada núcleo haveria um único especificador, sendo que o AdvP alocado no especificador corresponderia semanticamente ao núcleo à direita.

A explosão do *Middlefield* nas cerca de 30 categorias (Cinque 1999) - posteriormente, Cinque (2006) explodiu este espaço ainda mais¹ e o reconhecimento de que os AdvPs, em Spec, se ordenariam rigidamente - trouxe alguns questionamentos interessantes sobre a estrutura da oração e os processos envolvidos na geração dessas estruturas. Um dos questionamentos, de suma importância à teoria da subida do verbo, deriva naturalmente da arquitetura oracional assumida pelo Programa Cartográfico: tendo em vista a hierarquia dos advérbios, quais desses advérbios seriam diagnósticos fidedignos à subida do verbo?

Para além desse importante questionamento, um outro se coloca no que diz respeito à posição dos advérbios relativamente ao núcleo de sua projeção estendida, o V, em vista de uma generalização apontada por Cinque (2013b) como sendo a tendência da ordem de AdvPs e núcleos funcionais em línguas de núcleo inicial. Por essa generalização, o padrão «ideal» para línguas de núcleo inicial seria: núcleos funcionais (auxiliares, partículas, modais, etc.) precederem o VP e os modificadores sintagmáticos (AdvPs, p.ex.) o seguiriam numa ordem que é a imagem especular da ordem de Merge desses constituintes sintagmáticos. Conforme Cinque, essa seria apenas uma «tendência», um padrão «ideal», de modo que as línguas se afastariam mais ou menos desse padrão. Sendo o português brasileiro (PB) uma língua de núcleo inicial, é interessante trazer à luz a questão: em que medida o PB se distanciaria ou se aproximaria dessa tendência ideal das línguas de núcleo inicial?

Pelo menos no que diz respeito aos três advérbios mais baixos da hierarquia, essa tendência é observada, em termos de «preferência», no tocante à segregação dos AdvPs à esquerda do núcleo verbal, numa ordem que é a imagem especular da ordem em que foram inseridos, conforme vemos no exemplo em (1), que ilustra a subida do particípio passado ativo em PB.

- (1)
- a. O Mané tem vomitado sangue com frequência de novo do nada.
 - b. *O Mané tem vomitado sangue com frequência do nada de novo.
 - c. *O Mané tem vomitado sangue de novo com frequência do nada.
 - d. *^{??}O Mané tem vomitado sangue de novo do nada com frequência.

1 Já em várias passagens do trabalho de 1999, Cinque reconhece que algumas das categorias por ele consideradas sincréticas deveriam ser revisitadas em investigação posterior. No capítulo 7, chega mesmo a dizer que a hierarquia universal proposta deveria ser expandida, sendo uma primeira aproximação ao que, em Cartografia sintática, se acredita seja a estrutura funcional da oração, disponível a todas as línguas, como «construto» da Gramática Universal (Cinque 2013a). Ao tratar da modalidade avaliativa, deixa claro que, embora reconhecesse que morfemas e advérbios que expressam 'admiração' pudessem, num primeiro momento, ser colocados junto com morfemas e advérbios que expressam 'avaliação', uma investigação ulterior deveria verificar a pertinência de explodir o núcleo da modalidade avaliativa (Cinque 1999, 201, n. 21). Ver Tescari Neto (2013, cap. 6) sobre a pertinência de assumir que o *modo admirativo* se colocaria, no *Middlefield*, entre a modalidade de ato de fala e a avaliativa.

- e. ^{??}O Mané tem vomitado sangue do nada com frequência de novo.
 f. ^{*??}O Mané tem vomitado sangue do nada de novo com frequência.

Ao subir ao *Middlefield*, o V temático – no caso de (1), o particípio passado ativo – vai carregando consigo os três advérbios mais baixos da hierarquia, invertendo a ordem de Merge desses elementos, por força de um movimento *roll-up*. Esse é o movimento preferencial quando os três advérbios mais baixos da hierarquia e o objeto direto estão envolvidos em PB – cf. (1a). Embora o trabalho investigará o movimento do verbo finito em PB, com especial atenção a esses três advérbios mais baixos da hierarquia (ver seção seguinte), o movimento do particípio passado ativo ilustra muito bem o contraste que se tem relativamente aos movimentos realizados pelo V. Em (1e), temos os três advérbios rigidamente ordenados *à la Cinque* (1999). Contudo, é (1a) que apresenta a ordem preferencial relativamente à subida do particípio passado ativo, uma vez que, para esses advérbios mais baixos, a preferência é pelo movimento com *pied-piping* dos advérbios (no modo *whose picture*), conforme veremos na seção 3.

O trabalho tem por objetivo apresentar e discutir, à luz da Cartografia Sintática (Cinque 1999, 2005, 2013a, 2013b), dados envolvendo advérbios «muito baixos» no que diz respeito à subida do verbo finito (por sobre eles). Tentarei mostrar que há advérbios que induzem preferencialmente a um movimento do VP com *pied-piping* (i.e., com carregamento) desses advérbios, num modo específico de *pied-piping* , que Cinque (2005) chama de «modo *whose picture*», i.e., com inversão da ordem de Merge dos adjuntos; o que aproxima o PB – pelo menos se levarmos em conta os três advérbios «mais baixos» da hierarquia universal (*do nada, de novo e com frequência* (cf. (2), na próxima seção) – de uma «tendência ideal» de derivação para línguas de núcleo inicial (no espírito de Cinque 2013b). Fenômenos de elipse de VP, em PB, ajudam a discriminar entre as classes que, nessa língua, devem ser obrigatoriamente carregadas junto com o verbo, com inversão da ordem de Merge, daquelas classes que necessariamente não induzem a nenhuma preferência por movimento com ou sem *pied-piping* . Naturalmente, as questões que serão aqui tratadas podem ser tomadas como evidência ulterior para o reconhecimento de que os átomos da estrutura – as categorias que formam a projeção estendida do V ou oração – são rigidamente ordenados, o que está na base das investigações do Programa Cartográfico.

O texto se organiza da seguinte forma. Na seção 2, apresento as ideias gerais da proposta de Cinque (1999), que constitui o nicho teórico que norteará as discussões do trabalho. Na seção 3, mostro não só por que advérbios baixos são diagnósticos fidedignos à subida do V temático finito, como também apresento dados que sugerem uma preferência, dos advérbios mais baixos, por um movimento de VP com carregamento/ *pied-piping* desses AdvPs. Na seção 4, apresen-

to dados do fenômeno de «elipse de VP» que vão ao encontro da «cisão» apresentada na seção 3 no que diz respeito ao comportamento dos advérbios baixos face o movimento de VP: advérbios «muito baixos», em estruturas coordenadas, são preferencialmente recuperados pelo «vazio», o que induz a uma leitura de elipse de VP para o vazio. Advérbios menos baixos, mas ainda assim «baixos», não induzem a nenhuma preferência na recuperação pelo vazio: tanto uma leitura de objeto nulo quanto uma de elipse de VP (com retomada do advérbio) estarão em situação de paridade no que diz respeito à interpretação do vazio. Na seção 5, apresento as considerações finais.

2 A hierarquia universal de advérbios: diagnóstico à subida de V à flexão?

De posse da distribuição relativa de advérbios de classes semânticas distintas, valendo-se de dados de línguas das mais diferentes famílias, Cinque (1999) propôs que a «flexão» (o «IP» ou «TP» – também conhecido como *Middlefield*) – seria constituída pelas seguintes categorias funcionais, realizadas ou não morfofonologicamente via Ad-VPs, em Spec, ou núcleos funcionais:

(2) A Hierarquia Universal das Projeções Funcionais do *Middlefield*:

[*francamente* Modo_{Ato de fala} > [*surpreendentemente* Modo_{Mirativo} >
 [*felizmente* Modo_{Avaliativo} > [*evidentemente* Modo_{Evidencial} > [*provavelmente*
 Modalidade_{Epistêmica} > [*uma vez* T_{Passado} > [*então* T_{Futuro} > [*talvez* Modo_{Irrealis} >
 [*necessariamente* Modalidade_{Necessidade} > [*possivelmente* Modalidade_{Possibilidade}
 > [*normalmente* Asp_{Habitual} > [*finalmente* Asp_{Tardivo} > [*tendencialmente*
 Asp_{Predisposicional} > [*novamente* Asp_{Repetitivo(I)} > [*frequentemente* Asp_{Frequentativo(II)}
 > [*de/com gosto* Modalidade_{Volitiva} > [*rapidamente* Asp_{Acelerativo(I)} > [*já* T_{Anterior} >
 [*não ... mais* Asp_{Terminativo} > [*ainda* Asp_{Continuativo} > [*sempre* Asp_{Contínuo} > [*apenas*
 Asp_{Retrospectivo} > [*(dentro) em breve* Asp_{Aproximativo} > [*brevemente* Asp_{Durativo}
 > [(?) Asp_{Genérico/Progressivo} > [*quase* Asp_{Prospectivo} > [*repentinamente* Asp_{Incoativo(II)}
 > [*obrigatoriamente* Modo_{Obrigação} > [*á toa* Asp_{Frustrativo} > [(?) Asp_{Conativo} >
 [*completamente* Asp_{SingCompletivo(I)} > [*tudo* Asp_{PlurCompletivo} > [*bem* Voz > [*cedo*
 Asp_{Acelerativo(II)} > [*do nada* Asp_{Incoativo(I)} > [*de novo* Asp_{Repetitivo(II)} > [*frequentemente*
 Asp_{Frequentativo(II)} > ... (Cinque 1999, 106, modificada em Cinque 2006)*

* A versão em PB dessa hierarquia se baseia em Tosqui, Longo 2004; Sant'Ana 2005, 2007; Tescari Neto 2015.

Cinque assume, com Pollock (1989), que os advérbios de (2) – que ocupam, cada um, uma posição distinta e única de especificador – ocupam posições fixas, a não ser que algum traço da estrutura informacional (Tópico, Foco, etc.) tenha de ser valorado/checado, motivo pelo qual os advérbios têm sido tradicionalmente utilizados como diagnósticos de movimentos.

Para chegar à hierarquia em (2), o autor vale-se de testes de transitividade envolvendo advérbios de classes semânticas distintas. Assim, se um dado AdvP_A precede (« > ») um dado AdvP_B, que precede, por sua vez, um AdvP_C, por transitividade infere-se que o AdvP_A precede o AdvP_C:

- (3) a. AdvPA > AdvPB
b. *AdvPB > AdvPA
- (4) a. AdvPB > AdvPC
b. *AdvP_C > AdvP_B (Portanto: AdvP_A > AdvP_B > AdvP_C)

Os dados abaixo, em (5-6), ilustram essa metodologia cartográfica comumente utilizada na determinação de hierarquias: os testes de transitividade. Nessas sentenças, esse expediente se aplica a AdvPs do italiano. Assim, em (5), o AdvP de ato de fala *francamente* ‘francamente’ precede o AdvPs avaliativo *purtroppo* ‘infelizmente’. Já em (6), o avaliativo *purtroppo* precede o epistêmico *probabilmente* ‘provavelmente’. Por transitividade, conclui-se que *francamente* precede *probabilmente*, conforme a hierarquia em (2). Os dados em (5-6) são de Cinque (1999, 12).

- (5) *AdvP ato de fala > AdvP avaliativo*
- a. Francamente ho purtroppo una pessima opinione di voi
Francamente eu-tenho infelizmente uma péssima opinião de vocês
‘Francamente eu infelizmente tenho uma péssima opinião sobre vocês’
- b. *Purtropo ho francamente una pessima opinione di voi
Infelizmente eu-tenho francamente uma péssima opinião sobrevoçês
- (6) *AdvP avaliativo > AdvP epistêmico*
- a. Gianni ha per fortuna probabilmente accettato
Gianni tem felizmente provavelmente aceitado
‘Gianni felizmente provavelmente aceitou’
- b. *Gianni ha probabilmente per fortuna accettato
Gianni tem provavelmente felizmente aceitado

O expediente aplicado a (5-6) – e aos demais AdvPs de (2) para determinar-lhes a ordem – é também estendido aos núcleos funcionais (de diversas línguas). (7), por exemplo, apresenta verbos «auxiliares» em inglês (7a) e espanhol (7b); os auxiliares têm sido considerados categorias nucleares da Flexão:

- (7) a. These books have been being read all year (Cinque 1999, 57)
Esses livros têm estado sendo lidos todo ano
‘Esses livros têm sido lidos todo o ano’
- b. Esos libros han estado siendo leídos todo el año
Esses livros têm estado sendo lidos todo o ano
‘Esses livros têm sido lidos todo o ano’

Em (7), *have* ‘ter’ (a) e *han* (b) lexicalizam o núcleo de tempo; *been* (7a) e *estado* (7b), o aspecto perfeito; *being* (7a) e *siendo* (7b), o progressivo; o verbo lexicaliza (derivacionalmente) a Voz (*read*, in (a) e *leídos*, em (b)). De (7), infere-se o seguinte estrato parcial da hierarquia em (2) (cf. (8)):

(8) Tempo > AspPerfeito > AspProgressivo > Voz ... (> V) (Cinque 1999, 57)

Cinque oferece mais argumentos para a ordenação dos núcleos funcionais (ver o capítulo 3) para, ao final, mostrar que os advérbios se assemelham aos núcleos funcionais em termos de número, ordem relativa e classes semânticas. Conclusivamente, o autor sugere que os advérbios ocupam uma posição de especificadores únicos de núcleos funcionais distintos. Assim, no caso da modalidade epistêmica, tomando como exemplo o inglês, o advérbio *probably* ‘provavelmente’, se presente na numeração, ocuparia a posição de Spec do modal *must* ‘poder’, em seu uso epistêmico.

A assunção da proposta cartográfica de Cinque – para a qual, como vimos, coloca cerca de 30 advérbios no *Middlefield* – nos leva a repetir a pergunta feita na seção anterior: «Quais AdvPs podem ser utilizados como ‘diagnósticos’ para a subida do V à flexão? Qualquer AdvP? AdvPs ‘baixos’? AdvPs ‘altos’?» Para além dessa pergunta, temos de nos indagar também sobre a natureza do movimento do V: como se eleva o V à flexão, i.e., que tipo de movimentos são executados? Tais questões são discutidas na próxima seção.

3 Advérbios bem baixos e movimento de V à flexão

Conforme já se disse, a tradição gerativista assume que advérbios baixos são diagnósticos confiáveis para o movimento de V (ver, para isso, Ambar 1989; Pollock 1989; Belletti 1990; Galves 1993, 1994; Figueiredo Silva 1996; Costa 1996, 1998; Modesto 2000; Silva 2001; Brito 1999, 2001; Matos, Cyrino 2001; Cyrino, Matos 2002; Ambar et al. 2009; Costa & Galves 2000; Costa, Figueiredo Silva 2006; Silva 2009; Cyrino 2013). Se pensarmos na hierarquia de AdvPs tal qual definida por Cinque (1999) – cf. (2) –, esperamos que, uma vez que, em PB, a forma finita do V temático necessariamente tenha de aparecer à esquerda de *completamente* (Asp_{SingCompletivo(I)}) (cf. (9)), deverá aparecer à esquerda de todos os advérbios que seguem *completamente* na hierarquia, ou seja, o V temático deverá obrigatoriamente se mover à esquerda do AdvP plural completivo (*tudo*), do AdvP de modo (*fluentemente*) e do AdvP acelerativo_(II) (*cedo*). Os dados em (10a,b,c) sugerem o movimento obrigatório de V por sobre esses últimos AdvPs, o que corrobora as previsões da hierarquia:

- (9) a. *O João completamente acabou seu trabalho. ($Asp_{SingCompleto}$)
 a'. *O J. completamente seu trabalho acabou.
 b. O João acabou completamente o seu trabalho. (Galves 2001, 109)
 c. O João acabou o seu trabalho completamente.
- (10) a. O João (*tudo) fez (tudo) com paciência ($Asp_{PlCompleto}$)
 b. O João (*fluentemente) fala (fluentemente) francês (fluentemente) (Voz)
 c. O João (*cedo) acordou (cedo) ($Asp_{Acelerativo(III)}$)

Por (9-10), conclui-se também que há movimento obrigatório do V finito em PB. Do ponto de vista da Cartografia, (9-10) mostram que AdvPs (muito) «baixos» são diagnósticos confiáveis para detectar a subida do V, o que confirma a posição da tradição gerativista acerca do papel dos advérbios baixos ou advérbios de VP na teoria do movimento do V: «Para que se possam encontrar provas a favor ou contra o movimento do verbo, deve-se observar o comportamento dos advérbios de modo, gerados em adjunção a uma projeção de V» (Galves 2001, 109).

Se voltarmos à hierarquia em (2), observaremos que a projeção que domina imediatamente $Asp_{SingCompleto}P$, em cujo especificador temos *completamente*, é a projeção « $Asp_{Conativo}$ ». Cinque (1999) não identificou um adverbial que, nas línguas românicas, pudesse lexicalizar o conteúdo semântico de tal projeção, apenas o núcleo funcional correspondente. A projeção que domina imediatamente a do aspecto conativo é $Asp_{Frustrativo}P$, cujo adverbial correspondente seria à *toa/em vão*, em PB. Conforme mostra (11a), à *toa* não pode preceder a forma finita do V, o que significa que o movimento do V cruzando esse adverbial também é obrigatório (11b):

- (11) a. *O José à toa fez seu trabalho
 b. ^(?)O José fez à toa seu trabalho
 c. O José fez seu trabalho à toa

C-comandando o AdvP frustrativo à *toa*, temos o de modalidade de raiz *obrigatoriamente*, que ocupa a posição de [Spec, $Mod_{Obrigação}$]. (12) mostra que o movimento do V finito por sobre esse AdvP não é obrigatório:

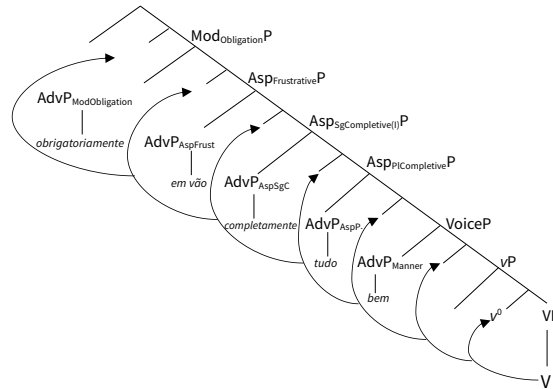
- (12) a. O João obrigatoriamente fará o seu trabalho
 b. O João fará obrigatoriamente o seu trabalho

Conclui-se, portanto, que em PB o movimento do V finito é obrigatório à esquerda da projeção de aspecto *frustrativo* (à *toa*) e de todas as projeções funcionais c-comandadas por ela. À esquerda de *obrigatoriamente*, a julgar por (12a), tal movimento já não é mandatário.

(9-12) são sentenças que envolvem a forma finita do V. A figura a seguir representa o movimento da forma finita do V, que deixa o do-

mínio temático em direção ao *Middlefield*. Repare que o movimento é obrigatório até que o V ultrapasse $\text{Asp}_{\text{Frustrativo}}^{\text{P}}$, em cujo especificador se encontra o advérbio à *toa/em vão*.²

Figura 1 o movimento do V finito



Há, contudo, advérbios ainda mais baixos do que *cedo* ([Spec, $\text{Asp}_{\text{Acelerativo(II)}}$]), a saber, *do nada*, *de novo* e *com frequência*, hierarquicamente ordenados segundo a ordem *cedo* > *do nada* > *de novo* > *com frequência* (cf. (2)). A combinação matematicamente possível desses três advérbios – c-comandados por *cedo* – com o verbo temático é da ordem de $4!$ ($4 \times 3 \times 2 \times 1 = 24$), se temos, p.ex., um verbo inergativo (p.ex., *telefonar*), como em (13a-z):³

2 Até o momento, não se tomou uma posição relativamente à natureza do movimento de V a T: embora, a julgar pela representação da fig. 1, pareça se tratar de um movimento nuclear, veremos, na sequência, que é plausível assumir tão somente movimentos sintagmáticos para derivar a subida de V(P) ao *Middlefield*.

3 Escolhi um V inergativo porque, com um V transitivo, o quadro se torna ainda mais complexo, uma vez que o objeto direto também deverá ser carregado pelo verbo – cf. a análise de (1), na seção 1; ver também Tescari Neto (2013, 123) –, de modo tal que o número de combinações matematicamente possíveis desses elementos passa a ser da ordem de $5!$ (= 120).

- (13) Desde o ano passado que, à noite, ...
- a. O José telefona do nada de novo com frequência
 - b. *O José telefona do nada com frequência de novo
 - c. O José telefona com frequência de novo do nada
 - d. O José telefona com frequência do nada de novo
 - e. O José telefona de novo com frequência do nada
 - f. *O José telefona de novo do nada com frequência
 - g. *O José do nada de novo com frequência telefona
 - h. *O José do nada de novo telefona com frequência
 - i. *O José do nada com frequência de novo telefona
 - j. *O José do nada com frequência telefona de novo
 - k. ^O José do nada telefona de novo com frequência⁴
 - l. ^O José do nada telefona com frequência de novo
 - m. *O José de novo do nada com frequência telefona
 - n. ^^O José de novo do nada telefona com frequência
 - o. ^^O José de novo com frequência do nada telefona
 - p. ^^O José de novo com frequência telefona do nada
 - q. ^O José de novo telefona do nada com frequência
 - r. ^O José de novo telefona com frequência do nada
 - s. ^O José com frequência telefona do nada de novo
 - t. ^O José com frequência telefona de novo do nada
 - u. ^^O José com frequência do nada telefona de novo
 - v. *O José com frequência do nada de novo telefona
 - x. *O José com frequência de novo do nada telefona
 - z. *O José com frequência de novo telefona do nada

Antes de procedermos à explicação do que estaria por trás da gramaticalidade e da agramaticalidade das ocorrências em (13), faz-se necessário um excursão relativamente a uma linha de pesquisa empreendida em trabalhos de Guglielmo Cinque sobre a «assimetria direita-esquerda das línguas naturais» (Cinque 1996, 2005, 2013a), assimetria essa que, a meu ver, está por trás da gramaticalidade das ocorrências em (13), e explica parte das sentenças agramaticais desse conjunto de dados. Nesses trabalhos citados, Cinque tenta explicar – recorrendo a princípios da Gramática Universal ((i) *Merge/Movement* e (ii) ordem de base dos elementos na projeção estendida de uma categoria lexical (i.e., hierarquia de categorias funcionais) – os achados de trabalhos dos tipologistas relativamente às ordens encontradas na projeção estendida de determinada categoria lexical (na projeção estendida de N, na projeção estendida de V, na projeção estendida de A, na projeção estendida de P, etc.). Conforme

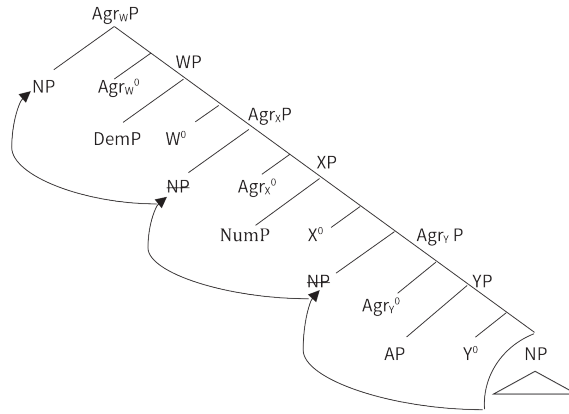
⁴ Mais adiante, farei comentários acerca das sentenças (13k, l, n, o, p, q, r, s, t, u), precedidas por «^». Conforme veremos, essas sentenças serão divididas em dois grupos: o das que já são descartadas pelo algoritmo de Cinque (2005, 2013a) para a derivação de ordens atestadas (cf. 13n, o, q, u) e o das sentenças que o algoritmo de Cinque não descartaria (13p,r,s,t). Explicarei por que alguns falantes aceitam essas sentenças precedidas por «^».

Cinque (2005, 2013a), p.ex., sempre que três categorias funcionais (três categorias sintagmáticas de mesma natureza - p.ex., três advérbios na projeção estendida de V - ou três núcleos funcionais - p.ex. categorias de Tempo, Modo e Aspecto na projeção estendida de V) precedem o núcleo de uma projeção lexical, apenas uma ordem é atestada (o que vai ao encontro das descrições dos tipologistas). Assim, quando, na projeção estendida de N, se combinam as categorias Dem, Num e A (todas precedendo o N), apenas uma ordem tem sido atestada: Dem > Num > A > N (o universal 20 de Greenberg) (Cinque 2005). O mesmo se observa relativamente à ordem das categorias TAM em relação ao V, em sua projeção estendida: se os elementos C, T, e Asp precedem o V, apenas uma única ordem, segundo Cinque (2013a), tem sido atestada: C > T > Asp > V. Cinque toma essas ordens (Dem > Num > A > N; C > T > Asp > V) como sendo ordens de base, i.e., ordem de «Merge» dos elementos.

Cinque (2005) propõe um algoritmo que dá conta de derivar, das 24 combinações matematicamente possíveis dos elementos Dem, Num, A e N - cuja *rationalité* pode ser estendida ao domínio de outras projeções estendidas (Cinque 2013a) -, tão somente as 14 combinações atestadas na literatura, descartando, ao mesmo tempo, as outras dez combinações logicamente possíveis, mas não atestadas. Recorre, para isso, tão somente a movimentos sintagmáticos, de dois tipos: O NP se moveria total ou parcialmente por sobre os modificadores (Dem, Num, A) de sua projeção estendida - para especificadores à esquerda de cada projeção [fig. 1] -, sem carregar nada consigo, ou se moveria carregando o material que encontraria (i.e., movimento com pied-piping), no modo *picture of whom* (i.e. sem inversão de ordem), ou no modo *whose picture* (com inversão da ordem de Merge dos elementos). Este movimento com pied-piping pode ser total ou parcial.

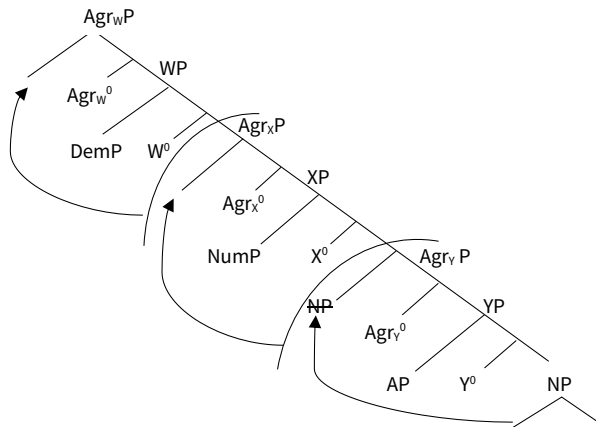
Assim, para derivar, p.ex., a ordem *N Dem Num A* (que, segundo o autor, é atestada em poucas línguas), assume-se o movimento total do NP, de Spec em Spec, à esquerda de cada um dos modificadores de sua projeção estendida, conforme a figura 2, abaixo, adaptada de Cinque (2005, 317).

Figura 2 Derivando a ordem N Dem Num A (adaptado de Cinque 2005, 317)



Para derivar, p.ex., a ordem N A Num Dem, que, segundo Cinque, é muitíssimo atestada, recorre-se ao movimento do NP por sobre AP, e do movimento do bloco NP-AP a um especificador acima de NumP. O bloco NP-AP-NumP é alçado posteriormente a um Spec que c-comanda DemP, derivando a ordem N A Num Dem (ver esquema derivacional na fig. 3), que é a imagem especular da ordem Dem, Num, A, N, tomada como sendo a ordem desses elementos na hierarquia da projeção estendida do N.

Figura 3 Derivando a ordem N A Num Dem (adaptado de Cinque 2005, 317)



O movimento acontecerá, segundo Cinque, tão somente se envolver necessariamente a porção lexical da projeção estendida, i.e., se o N for movido sozinho ou carregado junto com uma porção maior da estrutura (no caso da projeção estendida de N). Movimento de um modificador só será possível se um traço de Tópico ou Foco tiver de ser valorado, o que se percebe, p.ex., na projeção estendida de VP, para os casos (restritos) de movimento de AdvPs (baixos) para posições da periferia esquerda (Rizzi 2004).

Feito esse excuro, podemos agora voltar aos dados de (13). Os três adverbiais - *do nada*, *de novo* e *com frequência* -, presentes naquelas sentenças, lexicalizam, em PB, (preferencialmente) posições aspectuais baixas, as mais próximas de VP, assinaladas, em Cinque, com o índice (II): *do nada* (Asp_{Incoativo(II)}) > *de novo* (Asp_{Repetitivo(II)}) > *com frequência* (Asp_{Frequentativo(II)}). Essas projeções assinaladas pelo índice (II) são aquelas cujo advérbio, em Spec, tem escopo sobre o processo. Os traços dos advérbios que lexicalizam cada uma dessas três projeções são também compartilhados por outras projeções mediais, com uma diferença, entretanto (o que justifica a assunção dessas projeções mediais): nos especificadores das projeções mediais são alocados advérbios com escopo sobre o evento (índice (I), em Cinque); deste modo, ambas as projeções podem ser realizadas na mesma sentença (cf. (14), uma adaptação, para o PB, de um exemplo de Cinque (1999, 92 - his (43b)):

(14) Raramente o João sai com as mesmas pessoas com frequência

Em (14), *raramente* (Asp_{Frequentativo(I)}) tem escopo sobre o evento «João sair com as mesmas pessoas com frequência»: são raros os eventos em que o João sai com as mesmas pessoas com frequência; ao passo que o PP *com frequência* (Asp_{Frequentativo(II)}) tem escopo sobre o processo. Em meu PB, o advérbio aspectual mais baixo ('índice (II)') tende a ser lexicalizado pelo PP correspondente - caso de *com frequência*, em (14), e dos advérbios em (13). A forma correspondente com o sufixo em *-mente* tende a lexicalizar tanto a projeção mais alta (índice (I)) quanto a mais baixa (índice (II)).⁵

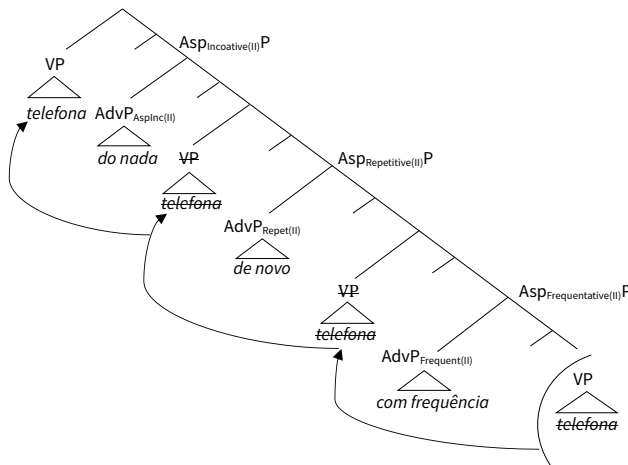
Parece ser este o caso nas sentenças em (13). Pelo menos em meu PB - que tende a preferir que o PP lexicalize a projeção baixa (índice (II)), podendo aparecer em posições altas tão somente se ocupando uma posição de Tópico ou de Modificador na periferia esquerda (ver

⁵ Há, contudo, variação. Para Rosana Rogeri (comunicação pessoal), o adverbial na forma de PP lexicaliza a projeção mais alta (de índice (I)). A forma em *-mente* realiza preferencialmente a posição mais baixa (de índice (II)), como sugerido por Cinque (2004, 692, nota 21) para o francês e o italiano. Para falantes como Rosana, fica explicada a gramaticalidade das sentenças em (13), precedidas por «^», sobre as quais retornarei logo em seguida.

Rizzi 2004) –, os PPs *do nada*, *de novo* e *com frequência* muito preferencialmente lexicalizam as projeções aspectuais de índice (II), necessariamente na ordem *do nada* ($Asp_{Incoativo(II)}$) > *de novo* ($Asp_{Repetitivo(II)}$) > *com frequência* ($Asp_{Frequentativo(II)}$). Deste modo, é possível entender por que (13a, c, d, e) são possíveis: essas ocorrências envolvem indubitavelmente o advérbio baixo. Há movimento do verbo em PB (Galves 1994, 1996; Costa, Galves 2000; Tescari Neto 2013) – ver também os dados em (9-10), um fato que necessariamente deve ser levado em conta na análise de (13). As ocorrências, em (13), que não envolvem o movimento de V em PB são descartadas, o que reduz o número de 14 possibilidades de ordenação desses três modificadores relativamente ao V. Tendo em vista que o movimento de V à esquerda de *à toa* – e de todos os advérbios c-comandados por esse AdvP (cf. (11)) – é obrigatório, as sentenças que não envolverem movimento de V por sobre *do nada*, *de novo* e *com frequência*, indubitavelmente a lexicalização das projeções baixas do aspecto incoativo, repetitivo e frequentativo, serão independentemente descartadas em PB, não pelos parâmetros de movimento (no espírito de Cinque 2005, 2013a), mas por razões independentes, i.e., pela obrigatoriedade de o V finito se elevar pelo menos à esquerda de *à toa*, e de todos os advérbios c-comandados por ele, em PB. São, então, descartadas as ocorrências (13g,h).

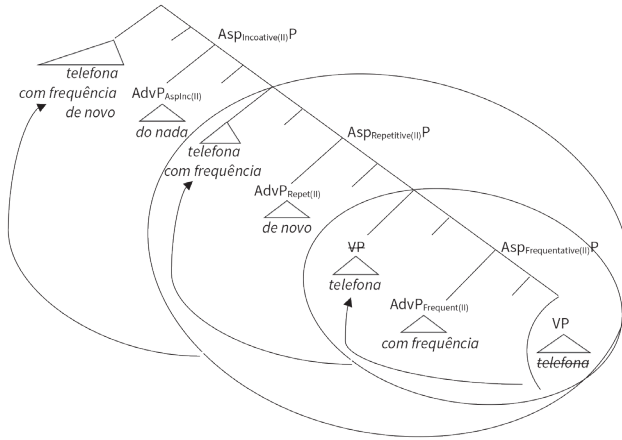
A derivação das sentenças gramaticais segue a *rationale* dos «parâmetros de movimento» (Cinque 2005, 321; 2013a, 82): assim, em (13a), o VP se moveu sozinho a um especificador à esquerda de *com frequência*, depois a um especificador à esquerda de *de novo* e fez o mesmo à esquerda de *do nada*, conforme fig. 4, a seguir.

Figura 4 Da derivação de (13a)



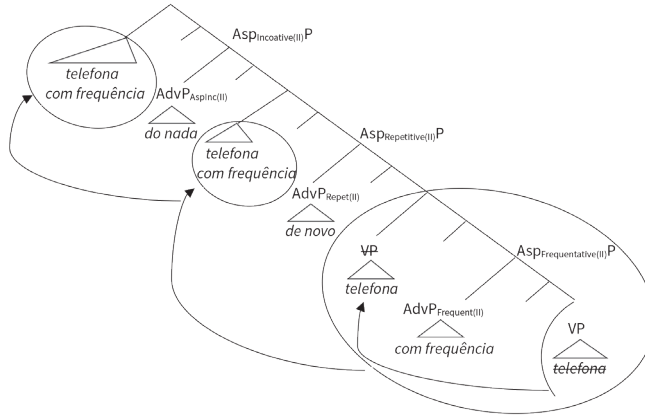
(13c), preferencial em meu PB - considerando as outras sentenças gramaticais de (13) -, envolve uma derivação em que o VP se move por sobre *com frequência*, *de novo* e *do nada* fazendo pied-piping desses advérbios no modo *whose picture*, invertendo, então, a ordem de merge desses advérbios, dando como produto uma ordem em que se tem a imagem especular da ordem de Merge desses elementos [fig. 5]:

Figura 5 Da derivação de (13a)



(13d), marcada, mas mesmo assim ainda gramatical, envolve movimento do VP por sobre *com frequência* com pied-piping desse AdvP no modo *whose picture* por sobre *de novo* e *do nada*.

Figura 6 Da derivação de (13d)



(13e), repetido a seguir, envolve uma derivação com movimento do VP primeiramente a um Spec à esquerda de *com frequência* e, depois, a um Spec acima de *de novo*; na sequência, o bloco *telefona de novo com frequência* se eleva, no modo *whose picture*, por sobre *do nada* (cf. (13')):

- (13) e. O José telefona de novo com frequência do nada
(13')
[VP] → merge de *com frequência* e movimento do VP a [Spec, F₁P];
[F₁P [VP telefona [com frequência [VP]]]] → merge de *de novo* e movimento de VP a [Spec, F₂P];
[F₂P [VP telefona [de novo [F₁P [VP telefona [com frequência [VP]]]]]]] → merge de *do nada*;
[do nada [F₂P [VP telefona [de novo [F₁P [VP telefona [com frequência [VP]]]]]]] → movimento de 'F₂P' por sobre *do nada*;
[F₃P [F₂P [VP telefona [de novo [F₁P [VP telefona [com frequência [VP]]] [do nada [F₂P [VP telefona [de novo [F₁P [VP telefona [com frequência [VP]]]]]]]]]]]]]]]]

Em relação às sentenças (13i, 13m, 13o, 13v, 13x), todas apresentam os advérbios precedendo o VP numa ordem que não corresponde à ordem de base (i.e., à ordem em que os advérbios de (13) aparecem na hierarquia em (2)): *do nada* > *de novo* > *com frequência*. Para além de não serem deriváveis no espírito de Cinque (2005, 2013a) – por não apresentarem os adverbais na ordem de Merge –, o VP sequer deixou o «domínio temático», o que, a julgar por (9-10), deve acontecer em PB. Retornarei à sentença (13o), quando tratar, conjuntamente, das ocorrências precedidas por «^». Nenhum movimento de VP, com ou sem pied-piping derivaria (13b) nem (13f): movimento do VP por sobre os três advérbios necessariamente deve ou manter sua ordem

de base (13a), ou invertê-la, numa ordem que é a imagem especular da ordem de base (13c), ou ainda inverter a ordem do AdvP mais baixo (*com frequência*) em relação aos outros dois (esses dois sim mantendo a ordem de base) (cf. (13d)), ou mesmo manter a ordem de base dos dois mais baixos (*de novo* > *com frequência*), invertendo, contudo, a ordem desses dois relativamente ao mais alto, *do nada*, conforme vimos para a derivação de (13e).

Não são deriváveis pelo algoritmo de Cinque (2005, 2013a) as seguintes sentenças: (13b, f, i, m, n, o, q, u-z). Tais ocorrências ou apresentam os advérbios numa ordem distinta da de Merge ou os movimentos utilizados para derivá-las são diferentes dos movimentos apresentados anteriormente. Contudo, (13k, l; 13n-u) aparecem precedidas por um «[^]». (13k, l) são potenciais, segundo o espírito de Cinque (2005, 2013a). Em PB, não são possíveis, pois, como vimos, não envolvem movimento de VP por sobre todos os advérbios. O «[^]» colocado antes dessas sentenças indica que alguns falantes poderão aceitá-las se, para eles, o advérbio que aparece à esquerda do verbo, *do nada*, tiver sido inserido ('Merged') no especificador da projeção de aspecto incoativo de índice «I», i.e., a projeção de aspecto incoativo mais alta, o que justificaria a aparente ausência de movimento do verbo por sobre *do nada*.

Algo similar pode ser dito de (13n, o, p, q, r, s, t, u), também precedidas por «[^]». Vou dividi-las em dois grupos: o grupo das sentenças que deveriam ser mesmo descartadas pelo algoritmo de Cinque (13n, o, q, u) e o grupo das sentenças que não seriam descartadas pelo algoritmo de Cinque (13p, r, s, t). As do primeiro grupo (13n, o, q, u) seriam descartadas automaticamente pelos parâmetros derivacionais, por envolverem os advérbios numa ordem que não corresponde à de Merge – se posicionados antes do V (13n, o) ou depois do V (não há uma derivação que gere (13q) nem (13u)). Essas sentenças, contudo, podem ser possíveis para alguns falantes de PB, uma vez que o(s) advérbio(s) linearizados antes de V podem, na verdade, corresponder à projeção de índice «I», muito embora apareçam na forma de um PP. Assim, (13n) apresenta dois advérbios (*de novo* e *do nada*) ordenados pré-verbalmente, se levarmos em conta seus «homônimos» inseridos nas projeções de índice I; (13o) apresenta os três advérbios pré-verbalmente (de onde os três diacríticos «[^]»), numa ordem que reproduz a ordem da hierarquia para esses itens com o índice I: *de novo* > *com frequência* > *do nada*. O mesmo se diz de (13q, u): em (q), o advérbio precedendo o V poderia ser o de aspecto repetitivo I; em (u), os dois advérbios precedendo o V poderiam, respectivamente, ser os advérbios de índice I frequentativo e incoativo.

As sentenças do segundo grupo (13p, r, s, t), além de serem possíveis segundo o espírito derivacional de Cinque (2005, 2013a), apresentam, antes do VP um (ou dois) advérbio(s) «homônimo(s)» aos advérbios de índice II em questão, de modo que os falantes que even-

tualmente as aceitarem estarão certamente inserindo o advérbio (ou advérbios (caso de (13p)) no Spec da projeção de índice I. O movimento do VP, como vimos, já não é mais obrigatório para além de [Spec, Mod_{Obrigação}] (cf. (12)).

Diante dos dados apresentados nesta seção, em (9-13), a envolvem advérbios ‘muito baixos’, é possível, então, tirar algumas conclusões parciais:

- (i) há, de fato, movimento do verbo temático em PB (o que já tinha sido apontado pela literatura dos anos 90/início do milênio: Galves 1994, 1996; Figueiredo Silva 1996; Silva 2001; e, mais recentemente, em Silva 2009; Cyrino 2013; Tescari Neto 2013);
- (ii) o movimento de VP com pied-piping dos advérbios (bem) baixos no modo *whose picture*, i.e., com inversão da ordem de Merge (cf. 13c), é o tipo de derivação preferencial quando os três advérbios estão envolvidos numa sentença com V inergativo finito;
- (iii) pelo exposto em (b), o PB se aproximaria, pelo menos para os casos em que teríamos os três advérbios mais baixos envolvidos, do «ideal» de derivação, no espírito de Cinque (2013b), para «línguas de núcleo inicial»: teríamos uma segregação dos sintagmas (pelo menos dos advérbios) à direita do núcleo lexical, o V, numa ordem que corresponderia à imagem especular da ordem de merge desses elementos. (Outras ordens, contudo, conforme vimos, são possíveis (cf. (13a, d, e));
- (iv) os advérbios inseridos (‘Merged’) acima de *do nada*, i.e., *à toa > completamente > tudo > bem > cedo*, e c-comandados por *obrigatoriamente*, necessariamente devem seguir o V finito em PB, o que significa que o V finito em PB se move obrigatoriamente mais do que o V finito em italiano. Segundo Cinque (1999, 214, nota 7), o V finito se eleva, em italiano, obrigatoriamente à esquerda de *bene* ‘bem’, ao passo que, em PB, o V deve subir obrigatoriamente pelo menos por sobre outros três AdvPs assim ordenados: *à toa > completamente > tudo*.

Na próxima seção, trataremos de um tópico interessante que traz, a meu ver, evidência independente para a assunção das hierarquias cartográficas: a elipse de VP em PB. Conforme mostrarei, há uma relação clara entre fenômenos de elipse de VP em PB e movimento de VP no modo *whose picture* se pensarmos nos três advérbios mais baixos da hierarquia, a saber *do nada*, *de novo* e *com frequência*.

4 Elipse de VP, subida do V e advérbios (bem) baixos

A elipse de VP é uma categoria silente selecionada e licenciada por um elemento verbal no *Middlefield*. Como em inglês, o VP elíptico pode ser licenciado, em português, por um verbo auxiliar ou mesmo pela cópula *ser*, uma vez que esses elementos ocupam posições do *Middlefield*. Uma vez que o PB conta com movimento do V para a flexão (cf. seção anterior), o V temático pode, então, licenciar a elipse de VP (Matos, Cyrino 2001; Cyrino, Matos 2002).

Após a subida de V(P) a uma posição do *Middlefield*, sua cópia é deixada dentro do domínio temático e posteriormente o 'VP' é elidido. A construção elíptica se evidencia nos casos em que adjuntos e complementos de V também permanecem não pronunciados. Um exemplo de elipse de VP em português é dado em (15), retirado de Cyrino e Matos (2002, 180), cuja derivação, também proposta em Cyrino e Matos (2002, 181), é apresentada em (16):

- (15) A Ana não leva o computador para as aulas, porque os amigos também não levam [-]
- (16) porque os amigos também não levam_i [_{VP} [_V levam_i] o computador para as aulas]

Na representação da elipse em (16), o verbo deixa o VP e se eleva a uma posição do *Middlefield* (T_2 /Asp em Cyrino 2013; T_{Anterior} em Tescari Neto 2013), conforme indicado pelo índice 'i'. Em PF, a porção elidida da estrutura é não só a cópia do verbo como também seu complemento, *o computador*, e o PP *para as aulas*. Há um 'requisito de paralelismo' (Cyrino, Matos 2002) que se aplica em LF para garantir que o sintagma a ser elidido receba uma interpretação semelhante à de seu antecedente.

Os AdvPs baixos apresentam um comportamento bastante interessante em relação ao fenômeno da elipse de VP em PB que favorece, a meu ver, uma interpretação cartográfica dos fatos da sintaxe do movimento do verbo e da hierarquia dos AdvPs. Na seção anterior, ao apresentarmos os dados em (13), comentamos que, das 4 sentenças gramaticais - do conjunto de 24 combinações possíveis dos três AdvPs mais baixos da hierarquia de Cinque (a saber: *do nada*, *de novo* e *com frequência*) em PB -, (13c) corresponderia à ordem preferencial desses advérbios relativamente ao V em PB, derivada, à la Cinque (2005, 2013a), por movimento do VP por sobre os advérbios, com pied-piping no modo *whose picture*, i.e., com inversão da ordem desses elementos.

Esses mesmos três advérbios apresentam um comportamento interessante no que diz respeito à elipse de VP: a leitura preferencial para o «vazio» (indicado por «[-]» nas sentenças abaixo) no segundo

membro da coordenação, em estruturas como (17), é a leitura de elipse de VP, com retomada do advérbio baixo no segundo membro coordenado; para além dessa leitura, uma vez que o PB é uma língua de objeto nulo, o vazio pode também estar associado a um objeto nulo:

- (17) O Mané come banana com frequência e a Mara também come [-]
 i. [-]: *banana com frequência* (elipse de VP: leitura preferencial)
 ii. [-]: *banana* (objeto nulo; possível, mas não preferencial)

O mesmo padrão vale para os outros dois advérbios de (13), que c-comandam *com frequência* na hierarquia, a saber, *de novo* (18) e *do nada* (19):

- (18) O Mané limpou a casa de novo e a Mara também limpou [-]
 i. [-]: *limpou a casa de novo* (elipse de VP: leitura preferencial)
 ii. [-]: *a casa* (objeto nulo; possível, mas não preferencial)
- (19) O Mané abandonou o curso do nada e a Mara também abandonou [-]
 i. [-]: *abandonou o curso do nada* (elipse de VP: leitura preferencial)
 ii. [-]: *o curso* (objeto nulo; possível, mas não preferencial)

Repare que, subindo na hierarquia em (2), os outros advérbios, embora possam ser recuperados e entrarem, portanto, em construções de «elipse de VP», não induzem a uma leitura preferencial de elipse como os três advérbios de (13) dos exemplos em (17-19). Antes, não há preferência, relativamente à interpretação do «vazio», nem pela leitura de elipse nem pela de objeto nulo:

- (20) O Mané limpou o banheiro cuidadosamente e a Mara também limpou [-]
 i. [-]: *limpou o banheiro cuidadosamente*. (elipse de VP)
 ii. [-]: *o banheiro*. (objeto nulo)
- (21) O Mané limpou o banheiro à toa e a Mara também limpou [-]
 i. [-]: *limpou o banheiro à toa* (elipse de VP)
 ii. [-]: *o banheiro* (objeto nulo)

A possibilidade de advérbios serem recuperados pelo «VP elíptico» em PB se limita aos advérbios que podem ser superados pelo VP em seu movimento pelo *Middlefield*. Remete-se o leitor a Tescari Neto (2013, cap. 5; 2015) para um aprofundamento à questão.

Os dados em (17-20) vão ao encontro dos dados em (9-13), da seção anterior, no sentido de que os advérbios em relação aos quais o movimento do VP por sobre eles preferencialmente os carrega junto (i.e., os advérbios que preferencialmente são arrastados, no modo *whose picture* de pied-piping pelo VP, com inversão da ordem de Merge) são justamente aqueles preferencialmente recuperados pelo vazio em

estruturas do tipo (17-20). Essa «preferência» pelo movimento com pied-piping e leitura de elipse (para o vazio) não é alheia à estrutura. Nesse sentido, temos aí ao menos duas propriedades sintáticas, que vêm juntas, para os advérbios mais baixos da hierarquia de Cinque.

5 Considerações finais

Nosso percurso neste trabalho foi revisitar, ainda que brevemente, a literatura do fim dos anos 80 e início dos anos 90 sobre a subida do verbo à flexão, que tem utilizado sintagmas adverbiais como recursos diagnósticos para esse movimento.

Tendo em vista os trabalhos em Cartografia sintática – sobretudo os trabalhos sobre a explosão do *Middlefield* (Cinque 1999 e trabalhos seguintes) –, um questionamento importante à teoria do movimento do verbo acerta justamente as classes que servirão de fato como diagnósticos para a subida de V. Conforme vimos na seção 3, Galves (1994) argumenta em favor do movimento de V à flexão em PB: o verbo se move por sobre *completamente*, um advérbio de VP (cf. (9)). No espírito da Cartografia sintática, esse AdvP ocupa uma posição bem baixa na estrutura, c-comandando, contudo, outras seis classes de AdvPs, assim rigidamente ordenadas: *tudo* > *bem* > *cedo* > *do nada* > *de novo* > *com frequência*. Mostramos que, uma vez movendo-se por sobre *completamente* obrigatoriamente, V deve mover-se também por sobre todos os outros advérbios por ele c-comandados, naturalmente o que se espera tendo em vista a estrutura.

O trabalho se voltou à descrição dos três advérbios mais baixos da hierarquia (*do nada*, *de novo* e *com frequência*), especificamente para investigar a posição desses modificadores relativamente ao V finito em PB. No espírito de Cinque (2005, 2013a), vimos que, quando três modificadores se ordenam relativamente ao núcleo de uma projeção estendida, apenas uma única ordem é possível, ordem essa assumida por Cinque como sendo a ‘ordem de Merge’ dos elementos. Mostramos, com amparo em Cinque (2005, 2013a), que haveria um modo de derivar, das 24 combinações matematicamente possíveis de Dem, Num, A e N, tão somente as 14 combinações atestáveis, descartando as outras 10 não atestadas por tipologistas. Conforme explicamos, essa mesma *rationale* é estendida pelo autor na derivação da ordem C-T-Asp relativamente ao V temático (Cinque 2013a).

Tendo em vista, então, o «padrão ideal» (Cinque 2013a) de ordenação de AdvPs relativamente ao V em línguas de núcleo inicial que, segundo Cinque, envolveria o posicionamento dos AdvPs à direita de V numa ordem que seria a imagem especular da ordem de merge desses adjuntos, propusemos-nos a investigar em que medida o PB se aproximaria – ao menos para a porção mais baixa do *Middlefield*, i.e., ao menos se levarmos em conta os três advérbios mais baixos da

hierarquia - desse ideal de derivação. Mostramos que a ordem *preferencial* desses três advérbios relativamente ao V finito corresponde justamente à ordenação ideal para línguas de núcleo inicial, muito embora outras combinações sejam igualmente possíveis, combinações essas que vão ao encontro do algoritmo de derivação de ordens atestadas em Cinque (2005, 2013a). Conforme mostramos, aparentemente há ordenações que poderiam violar os algoritmos citados. Contudo, tais possibilidades envolvem necessariamente o Merge de AdvPs homônimos aos três advérbios mais baixos, o que criaria a ilusão de que outras ordens poderiam ser atestadas para além das 14 deriváveis à la Cinque.

Na seção 4, mostramos que os três advérbios mais baixos e que induzem a um movimento do VP com pied-piping deles no modo *whose picture* curiosamente são os que, envolvidos em estruturas de coordenação como as que vimos em (17-19), induzem preferencialmente a uma interpretação de elipse de VP para o vazio naquelas estruturas. Para os advérbios que c-comandam *do nada*, *de novo* e *com frequência* não há preferência nem pelo movimento executado pelo V por sobre eles nem por uma leitura associada ao «vazio». Naturalmente, esses fatos podem ser tomados como argumentos favoráveis ao reconhecimento de que os átomos da estrutura - as categorias que formam a projeção estendida do V ou oração - são rigidamente ordenados, o que está na base das investigações do Programa Cartográfico.

Trabalhos futuros poderão ampliar a investigação no sentido não só de observarem o comportamento de advérbios menos baixos relativamente ao movimento do V como também verificarem se há variação, para uma mesma língua, no que diz respeito aos movimentos performatos pelo V: até qual altura (na hierarquia) a preferência é ou não por movimento com pied-piping e inversão da ordem relativa dos advérbios?

Referências bibliográficas

- Ambar, M. (1989). «Sobre a posição do sujeito, movimento do verbo e estrutura da frase». *Actas do 5º encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 369-99.
- Ambar, M. et al. (2009). «Tense Domains in BP and EP – vP, CP and Phases». Aboh, E.O. et al. (eds), *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 1-24.
- Baker, M. (1985). «The Mirror Principle and Morphosyntactic Explanation». *Linguistic Inquiry*, 16, 373-417.
- Belletti, A. (1990). *Generalized Verb Movement*. Torino: Rosenberg & Sellier.
- Brito, A.M. (1999). «Concordância, estrutura de frase e movimento do verbo no português europeu, no português brasileiro e no português de Moçambique». Faria, I.H. (ed.), *Lindley Cintra. Homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão*. Lisboa: Cosmos, 332-65.
- Brito, A.M. (2001). «Clause Structure, Subject Positions and Verb Movement. About the Position of *sempre* in European Portuguese and Brazilian Portuguese». D'hulst, Y. et al. (eds), *Romance Languages and Linguistic Theory 1999. Selected papers from 'Going Romance 1999'*. Amsterdam: John Benjamins, 63-86.
- Cinque, G. (1996). «The 'Antisymmetric' Programme: Theoretical and Typological Implications». *Journal of Linguistics*, 32(2), 447-64.
- Cinque, G. (1999). *Adverbs and Functional Heads. A Cross-Linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press.
- Cinque, G. (2004). «Issues in Adverbial Syntax». *Lingua*, 114, 683-710.
- Cinque, G. (2005). «Deriving Greenberg's Universal 20 and Its Exceptions». *Linguistic Inquiry*, 36, 315-32.
- Cinque, G. (2006). *Restructuring and Functional Heads. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 4. New York: Oxford University Press.
- Cinque, G. (2010). *The Syntax of Adjectives*. Massachusetts: MIT Press.
- Cinque, G. (2013a). «Again on Tense, Aspect, Mood Morpheme Order and the 'Mirror Principle'». Cinque, G. (ed.), *Typological Studies. Word Order and Relative Clauses*. New York: Routledge, 68-85.
- Cinque, G. (2013b). «Word Order Typology. A Change of Perspective». Biberauer, T.; Sheehan, M. (eds), *Theoretical Approaches to Disharmonic Word Orders*. Oxford: Oxford University Press, 47-73.
- Costa, J. (1996). «Adverb Positioning and V-Movement in English». *Studia Linguistica*, 50(1), 22-34.
- Costa, J. (1998). *Word Order Variation. A Constraint-Based Approach* [PhD Dissertation]. Leiden: Universiteit Leiden.
- Costa, J.; Galves, C. (2000). «External Subjects in Two Varieties of Portuguese. Evidence for a Non-Unified Analysis». Beyssade, C. et al. (eds), *Proceedings of Going Romance 2000*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 109-25.
- Costa, J.; Figueiredo Silva, M.C. (2006). «Notas sobre a concordância verbal e nominal em português». *Estudos Linguísticos*, 35, 95-109.
- Cyrino, S.M. Lazzarino (2013). «On Richness of Tense and Verb Movement in Brazilian Portuguese». Camacho-Taboada, V. et al. (eds), *Information Structure and Agreement*. Amsterdam: John Benjamins, 297-318.
- Cyrino, S.M. Lazzarino; Matos, G. (2002). «VP Ellipsis in European and Brazilian Portuguese. A Comparative Analysis». *Journal of Portuguese Linguistics*, 1(2), 177-95.

- Figueiredo Silva, M.C. (1996). *A posição sujeito no português brasileiro. Frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Galves, C. (1994). «V-Movement, Levels of Representation and the Structure of S». *Letras de Hoje*, 96(2), 35-58.
- Galves, C. (1996). «O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro». Roberts, I.; Kato, M. (eds), *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 387-408.
- Galves, C. (2001). *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Galves, C. (1993). «O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro». Roberts, I.; Kato, I. (orgs), *Português Brasileiro: Uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 387-408.
- Kayne, R. (1994). *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge (MA): MIT Press.
- Laenzlinger, C. (2011). *Elements of Comparative Generative Grammar. A Cartographic Approach*. Padova: Unipress.
- Laenzlinger, C. (2012). «A Feature-Based Theory of Adverb Syntax». *GG@G (Generative Grammar in Geneva)*, 3, 67-105.
- Laenzlinger, C.; Soare, F. (2005). «A Cartographic Approach to the Romance Mittelfeld». *Rivista di grammatica generativa*, 30, 17-69.
- Matos, G.; Cyrino, S.M. Lazzarino (2001). «Elipse de VP no português europeu e no português brasileiro». *Boletim da ABRALIN*, 26, 386-90.
- Modesto, M. (2000). *On the Identification of Null Arguments* [PhD Dissertation]. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Pollock, J.-Y. (1989). «Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP». *Linguistic Inquiry*, 20(3), 365-474.
- Rizzi, L. (2004). «Locality and Left Periphery». Belletti, A. (ed.), *Structures and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures*. New York: Oxford University Press, 223-51.
- Sant'Ana, M. Simões de (2005). *A sintaxe do advérbio* [tese de doutorado]. Rio de Janeiro: Universidade federal do Rio de Janeiro.
- Sant'Ana, M. Simões de (2007). «Sintagmas adverbiais como especificadores de projeções funcionais». *Linguística* (Rio de Janeiro), 3(2), 189-202.
- Silva, G.V. (2001). *Word order in Brazilian Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Silva, C.R. Tavares (2009). «Morfologia flexional e movimento do verbo em português. Por uma análise unificada a partir da proposta vickneriana». *Revista do GELNE*, 11, 1-18.
- Tescari Neto, A. (2013). «On Verb Movement in Brazilian Portuguese. A Cartographic Study» [PhD Dissertation]. Venezia: Università Ca' Foscari Venezia.
- Tescari Neto, A. (2015). «Por que advérbios altos não são diagnósticos para o movimento do verbo?». *Linguística*, 31(2), 27-46. http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2015000200003&lng=pt&tlng=pt.
- Tosqui, P.; Longo, B.N. de Oliveira (2004). «A distribuição dos advérbios modalizadores na sentença. Uma análise de base gerativa». *Alfa*, 47(1), 85-97.